

Banco Mundial admite ajudar conversão

Washington — O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, declarou que não se opõe à ideia de permitir que os países em desenvolvimento comprem parte de sua dívida com desconto, embora duvide que sua instituição possa servir como intermediária, ou mesmo que se trate de um plano capaz de ser executado com êxito. As declarações de Conable dão novo impulso à proposta do Brasil de substituir parte de sua dívida pela emissão de bônus, com um desconto que poderia chegar a até 30%.

Conable não descartou a possibilidade de o Banco Mundial ajudar na criação de um sistema que ajude a pôr em prática a iniciativa brasileira, o que contribuiria para aliviar a carga da dívida do Terceiro Mundo, que já ultrapassa a casa do trilhão de dólares. Disse Conable aos jornalistas: "Estamos sempre dispostos a considerar planos inovadores que injetem mais dinheiro no processo".

Problemas

Mas ao lhe perguntarem se isso incluía a ideia brasileira de comprar a dívida com desconto, disse que o plano oferecia problemas, uma vez que "o difícil é criar um esquema que permita que tais des-

contos sejam transferidos aos países devedores e que esse processo tenha continuidade e não seja um ato único".

"O esquema tem que ser estruturado de maneira que possa recuperar fundos, a fim de poder continuar", acrescentou. "Estamos muito ansiosos para estimular o desenvolvimento de mercados adicionais e instrumentos inovadores (para o investimento e alívio da dívida). Continuaremos a fazer isso, e na realidade, nos planos de reorganização (do Banco), vamos contar com uma nova divisão de operações que trabalhará com esses planos".

Os bancos vêm aumentando seus fundos de reserva para créditos incobráveis, pensando principalmente no caso do Brasil. A iniciativa partiu do Citibank, em maio, que reservou 3 bilhões de dólares para esse fim. Nesse meio tempo algumas instituições passaram a oferecer a dívida brasileira no mercado secundário a 55% de seu valor.

O Brasil chamou a atenção para essa realidade e seu ministro da Fazenda, Bresser Pereira, lançou a ideia de substituir cerca de 35 bilhões de dólares da dívida por títulos a longo prazo — uns 20

anos ou mais —, levando em conta o valor real da dívida no mercado secundário. No entanto, a oposição dos banqueiros e do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, levou Bresser a repensar a ideia.

Conversão

O Brasil também idealiza um plano voluntário pelo qual os bancos converteriam a dívida, ou parte dela, em "bônus de saída", assim chamados por permitirem que uma instituição os venda e saia do esquema de empréstimos e refinanciamentos.

Conable anunciou que não se opõem à conversão da dívida em papéis de valores diferentes, uma vez que isso já está ocorrendo. Assinalou que o Chile já reduziu sua dívida em 1,6 bilhão de dólares mediante o processo de capitalização do débito.

Acrescentou que, se houver participação do Banco Mundial, quer assegurar-se primeiro de que esse alívio não irá depender de "truques ou manobras financeiras". Os países devedores "não terão muitos benefícios se não puderem receber esse desconto", observou.